

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens melpam
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO:—O Jubileu Sacerdotal do SS. Padre Leão XIII.—Secção Religiosa: *A indifferença religiosa*, por C. D. Grillo; *Quartel de S. Luiz Gonzaga*.—Secção Scientifica: *Os sophistas do tempo de S. Paulo*, por J. C. de Faria e Castro.—Secção Historica: *Frei Antonio de Jesus*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Confissões da maçonaria*, por A. Moreira Bello; *Communidades*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Litteraria: *Hymno das Filhas de Maria*, por Mattos Ferreira; *Uma conversão*, por A. A. Torres.—Secção Illustrada: *I, Afonso de Albuquerque; II, A Virgem Santa Escolastica; III, A Baroa de Pedro*, por R.—Secção Necrologica.—Retrospecto da Quinzena.

GUIMARÃES 15 DE FEVEREIRO DE 1887

O Jubileu sacerdotal do SS. Padre Leão XIII

Tudo se prepara no mundo catholico para festejar con-dignamente o jubileu sacerdotal do nosso SS. Padre o Papa Leão XIII, que se realisará em dezembro do corrente anno. Todas as nações, todos os povos, que vivem á sombra da Cruz, envidam todos os esforços para dar uma prova do seu amor, da sua veneração, da sua homenagem ao Pae commum dos fleis, ao grande Pontifice, que preside aos destinos da Barca de Pedro.

Em Lisboa instalara-se uma commissão respeitabilissima para que Portugal não ficasse atraz das demais nações, para que o reino fidelissimo, digna e nobremente se representasse na grande festa.

O nosso amor pela Igreja, e dedicação ao Papado, e até o reconhecimento para com o Santissimo Padre Leão XIII, e ainda a confiança e o desejo que temos de ajudar a distincta commissão de Lisboa, impulsiona-nos a levantar um brado, que esperamos todos os nossos leitores escutarão de

A ROMA! AOS PÉS DO PAPA NO DIA DAS SUAS BODAS DE OURO! JUNTO DO VIGARIO DE JESUS CHRISTO, EM DIA DE TANTA DITA PARA TODOS OS FILHOS DA SANTA EGREJA.

Impotentes para mais fazer, transcre-

vemos a circular que nos foi enviada:

«Faz 50 annos em dezembro de 1887, que o Santo Padre Leão XIII celebrou a sua primeira missa.

e quando o Papa é Leão XIII, Pontifice grande, que em tão difficil momento Deus enviou cheio de luzes á terra, abysmada em trevas, então esse acontecimento attinge proporções enormes, ante o qual o mundo não fica indifferente.

As festas e demonstrações d'amor filial que para então se preparam, constituem o *Jubileu Sacerdotal*.

Para tal fim criou-se na Italia uma Commissão Promotora Central, tendo á sua frente o Commendador Pontificio Senhor Acquaderni.

Egualmente se tem formado Commissões em todas as Nações do Mundo Catholico.

Em Portugal, alem d'outras, formaram-se em Lisboa duas Commissões, uma de Senhoras, outra de Homens, sendo Presidente d'esta Sua Excellencia o Senhor Arcebispo de Mitylene, as quaes teem por fim promover entre os Catholicos Portuguezes os mais solemnes protestos d'amor e acatamento para com a Sagrada pessoa do Summo Pontifice na occasião do seu *Jubileu Sacerdotal*.

MEIOS

1.º Uma liga d'orações para implorar o triumpho da Igreja e a conservação do Summo Pontifice.

2.º Concorrer para a Exposição Universal do Vaticano com quaesquer productos artisticos, industriaes, agricolas e litterarios, os quaes deverão ser offerecidos ao Santo Padre, reservando-se na Exposição um lugar principal para objectos de culto.



AFFONSO DE ALBUQUERQUE

A primeira missa de um sacerdote é sempre um acontecimento notavel; marca-lhe uma época na vida, um inicio de um novo estado, uma consagração inteira de todas as suas facultades e energias á gloria de Deus e á salvação do proximo.

Por isso algumas vezes as familias, os filhos espirituaes d'esse sacerdote, costumam celebrar jubilosos o anniversario d'aquelle acontecimento.

Mas quando o sacerdote é um Papa,

3.º A esmola para a Missa que o Santo Padre celebrará por todos os Portuguezes, graça especial que a Peregrinação Portugueza tenciona pedir ao Santo Padre.

4.º Finalmente, uma Peregrinação aos tumulos de S. Pedro e S. Paulo, em Roma, que será presidida por um ou mais Bispos Portuguezes.

VANTAGENS

Alem da Missa celebrada por Sua Santidade, muitas são as graças e indulgencias que o Santo Padre se digna conceder a todos os que tomarem parte no Jubileu Sacerdotal.

A Comissão distribuirá algumas oleographias como brinde aos Catholicos que obtiverem maior numero d'offertas.

A Comissão de Lisboa offerece-se para receber e expedir para Roma os objectos enviados á Exposição.

Em tempo se annunciará o dia da saída da peregrinação para Roma, a fim de que todos os Catholicos que se queiram aggregar possam fazer seus preparativos.

A Comissão de Lisboa espera obter das Companhias do Caminho de Ferro alguma deducção no preço dos bilhetes.

Para qualquer esclarecimento dirigir-se aos Membros da Comissão em Lisboa, Ex.^{mos} Snrs.

Arcebispo de Mitylene.

Prior de Santa Engracia.

D. José de Carvalho Daun e Lorena.

Conde da Redinha.

Joaquim Antonio Pacheco.

No Paço de S. Vicente de Fora ou Livraria Catholica.

As remessas para Lisboa devem ser feitas o mais tardar até flus de julho de 1887.

As listas da subscrição podem ser requisitadas aos locaes acima indicados, ou á redacção do *Progresso Catholico*.

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

A indifferença religiosa

NEM pensar attentamente no estado actual da sociedade, observará com profunda magua a grande indifferença religiosa, se não descrença, que lavra em todas as classes da mesma sociedade. Já não são só indifferentes muitos individuos que querem passar por sabios, menosprezando a religião santa de Jesus Christo para assim se distinguirem do *vulgo fanatico*, alardeando sciencia que muitas vezes não tem: tambem o são alguns homens do povo, que aspiram ao *convivio civilisa-*

dor, querendo passar por illustrados só porque lêem meia duzia de jornaes impios e outros tantos romances immoraes. N'esses jornaes e n'esses romances, bem como em outros livros espalhados a esmo e por preços commodos, com aspirações a philosophicos, acham os leitores mil theorias, cada qual mais absurda e impia, desde o pantheismo, que faz do homem Deus, até ao mais grosseiro materialismo, que faz descer o homem ao nivel dos irracionaes.

E tudo isto para negarem, ou pelo menos pôrem em duvida, a existencia d'um Deus pessoal, auctor da ordem moral, providente e infinitamente justo. E tudo isto para negarem a liberdade moral do homem, d'onde lhe vem a responsabilidade e o merito ou demerito pelas suas acções, procurando-lhe aliás toda a liberdade politica e civil, e accusando a Igreja de attentar contra a liberdade, quando vemos na historia a que ella tem luctado constantemente contra todas as seitas que negavam a liberdade moral, nomeadamente a dos jansenistas. Como conceber a liberdade civil e politica sem a liberdade moral? Ainda hoje a Igreja lucta continuamente pela verdadeira liberdade, condemnando especialmente o pantheismo e o materialismo, d'onde mais directamente se infere a negação da mesma liberdade.

Com taes theorias, com a apothese do vicio feita em livros de leitura amena e superficial, com ataques directos á Igreja e seus ministros, com a narração d'escandalos, a maior parte das vezes imaginarios, attribuidos aos ecclesiasticos, e outros meios, tem levado a indifferença religiosa, pelo menos, ao coração de muita gente. Loucos que, querendo passar por livres pensadores, nada pensaes!

Levantaes os olhos ao ceu, e meditaes um pouco no que vêdes. Reparaes para todos esses astros que n'elle giram com tanta ordem e regularidade, que desde o seu principio não se afastaram um instante da orbita que lhes traçou o Creador; consideraes a sua multidão innumeravel, a sua grandeza, a distancia da terra a cada um d'elles, o seu brilho, as leis por que se regulam. Estudaes a electricidade e seus effeitos, a luz e todos os phenomenos meteorologicos.

Volvei os olhos em redor de vós. Vêde essas altas montanhas topetando com as nuvens, muitas das quaes vomitam fogo; esses profundos valles, por onde correm innumerous rios que vão dar ao mar o tributo de suas aguas; a vastidão do oceano, as suas vagas e ressacas, e os seres que elle encerra. Reparaes em todas as especies do reino vegetal, no seu numero, na sua variedade, na sua belleza, no perfume das suas flores, no sabor dos seus fructos.

Consideraes essa multidão de seres animados com todos os seus caracteres especificos e individuaes, com todos os seus instinctos e aptidões.

Consideraes finalmente os seres da nossa especie, estudaes-vos a vós mesmos, a estrutura admiravel do vosso corpo, esse organismo tão perfeito e tão bem combinado, essa disposição e adaptação de cada um dos órgãos para um fim especial, e de todos elles juntos para um fim commum: pensaes n'essa mysteriosa união da alma com o corpo, nas duas substancias constituindo uma só pessoa, na natureza da alma e seus phenomenos, nos seus instinctos, nas suas faculdades. Estudaes principalmente a razão e a liberdade: a razão que conhece o absoluto, o infinito, Deus; e a liberdade que põe o homem em circumstancias de obrar por si, de ter merito e demerito, de ser uma personalidade. E não haverá um Auctor de todas estas maravilhas?

Este Auctor Divino, creando o homem, destinou-o para um fim sobrenatural, e deu-lhe meios pelos quaes pudesse atingir esse fim. Deu-lhe a razão para conhecer a Sua existencia e attributos, para distinguir o bem e o mal; e deu-lhe a liberdade para se determinar livremente a cumprir os preceitos que Elle lhe impuzesse. Dignou-se revelar-lhe certos mysterios, e dar-lhe pessoalmente preceitos, que confirmassem a lei natural que lhe gravára no coração. Instituiu um magisterio infallivel, que transmittisse a Sua Doutrina, e interpretasse o verdadeiro sentido d'ella. Instituiu Sacramentos, que são como canaes por onde communica ao homem a Sua Graça.

E ha de o homem ser indifferente a tudo isto? E não ha de concentrar profundamente o seu pensamento, e meditar em tudo o que acabo de expôr? Ha de o homem pensar sómente nas cousas terrenas, ha de satisfazer sómente desejos ephemeros, ha de andar continuamente inclinado para a terra, elle que se distingue de todos os outros animaes pelo seu porte nobre e magestoso, que tem o seu rosto virado para o ceu, transluzindo em sua physionomia um reflexo da luz divina?

Não ha de o homem volver os olhos para o passado, considerar na multidão de gerações que o precederam, na rapidez com que se vêem desfilar no decorrer dos seculos, parecendo que só foram creadas para se sumirem no tumulo? E não teria tão grande numero de individuos outro fim, senão o passar pela superficie da terra, sujeitos a todas as miserias da vida, para satisfazer desejos ephemeros? Não considerará o homem do nosso tempo que todos elles tiveram uma religião, que não foram indifferentes á idéa d'um Deus

Creator, premiador da virtude e castigador do vicio?

O homem, porque tem presenciado todas as maravilhas do progresso material, de verá esquecer tudo o que diz respeito ao progresso religioso e moral, absorvendo toda a sua attenção só o que é terreno e caduco? De verá contentar-se só com o bem-estar d'esta vida transitoria, elle que tanto aspira á perfectibilidade e ao gozo sem fim? Vede bem aonde vos leva a vossa indifferença religiosa, homens imprevidentes. Levavos nada menos que á indifferença moral.

Desde o momento em que se olvida a Deus, olvida-se a ordem moral de que Elle é o fundamento, porque não se pode conceber esta sem a existencia de Deus, mas de Deus providente, de Deus justo, de Deus remunerador. D'aqui a dissolução dos laços sociaes, d'aqui a anarchia infrene, d'aqui todas essas desordens que actualmente presenciamos, que não podem ter outra origem senão a indifferença pelo exame e cumprimento dos deveres religiosos. Homens d'este seculo, se não quereis o reinado da anarchia, sacudi esse torpôr que vos domina, e não vos envergonheis de ser francamente religiosos.

C. D. Grillo.

Quartel de S. Luiz Gonzaga

SUBORDINADO a este titulo publicou o nosso collega a *União do Clero* o artigo que vamos transcrever, e para o qual chamamos a attenção de todos os bons filhos da Santa Igreja. Antes, porém, de transcrever o artigo a que alludimos, umas considerações faremos, que não tem outra pretensão que lembrar uma cousa util, e não são ditadas senão pelo desejo que nos anima de ver praticar o bem e impedir uma devastação nefanda.

Prestes passará á historia a memoravel Collegiada de Guimarães. Monumento rico de tradições, uma renda que só á Igreja pertence, irão perder-se nos cofres do Estado e nem o culto, nem as tradições, nem a gloria d'esta terra existirão então. Se fosse possivel, que o Venerando Prelado, que ora preside aos destinos d'esta vasta Archidiocese, com a sua muita influencia, e ajudado por todos os bons portuguezes, conseguisse alcançar o Grandioso edificio da Real Collegiada, os seus rendimentos etc. para n'elle crear, não sómente o quartel de S. Luiz Gonzaga, mas um pequeno seminario onde os aquartellados concluíssem a sua carrei-

ra escolar até receberem ordens, tornando-se este seminario uma succursal do Seminario Diocesano, á imitação do Seminario dos Carvalhos, fundado pelo Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo; não seria isto um engrandecimento para a Igreja portugueza, um auxiliar importantissimo para o clero, e uma gloria espantosa para S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato?

Ahi fica a ideia, e com ella o artigo do nosso collega, que é como segue:

«Denomina-se assim um pequeno collegio creado pela sollicitude particular para educação de adolescentes pobres a quem Deus favoreceu com a vocação para o estado ecclesiastico, e aos quaes por isso mesmo, é necessaria uma educação apropriada para manter e desenvolver n'elles esses felizes germens e virtudes precoces que brotam de seus corações juvenis.

Esta util instituição era aconselhada pela prudencia, e reclamada pela necessidade dos tempos e da propria Igreja, que vê o numero de seus ministros crescer annualmente, pela grande desproporção dos que entram no sacerdocio e dos que a morte arrebatava annualmente.

Os Estados confiam a educação dos principes a mestres e pedagogos os mais habéis e competentes, porque estes necessitam de uma educação litteraria e religiosa mais completa e perfeita do que os filhos do povo.

Hão-de ser chamados, se Deus o permittir, a dirigir os destinos d'uma nação, d'um reino, d'um imperio, hão-de ser luz de todos e modelo de muitos e devem por esta razão estar isentos da ignorancia, defeitos e vicios communs as outras classes.

E a Igreja que vae ao meio do povo chamar os que quer elevar ao sacerdocio, e fazer d'elles principes no reino de Jesus Christo—a Sancta Igreja, necessita igualmente de dar a estes uma educação mais pura, mais sancta, mais acabada para os tornar verdadeiros sacerdotes, e principes modelos nos graos elevados da jerarchia ecclesiastica.

O dignissimo Prelado bracarense louvando é sympathisando com tão util instituição que bem pode ser o nucleo d'um pequeno seminario que por falta de meios não pôde já ser creado, tomou este quartel debaixo da sua protecção e muito deseja vel-o prosperar. Oxalá que elle podesse á custa do seu bolso sustentá-lo e ampará-lo!

Não pôde, mas faz o que lhe aconselha o zelo, a sympathia, a sollicitude pastoral.

O numero dos alumnos é diminuto, uns 34 apenas, e mesmo para estes escaceiam os meios de sustentação. Não ha o necessario para o rancho d'esta

pequena companhia destinada á mais nobre milicia.

O seu director, o snr. padre Joaquim Fernandes Lopes com zelo e caridade que o distiguem tem sido incançavel na educação d'aquelles jovens, e em implorar os soccorros da caridade christã em favor d'aquella instituição nascente.

Parece que Deus abençoou a obra porque o aproveitamento litterario dos alumnos, e os resultados já obtidos não podem ser mais lisongeiros.

Vejamos o que a tal respeito diz o proprio director no relatorio que temos á vista.

«O resultado dos exames e da disciplina n'este anno não podia ser mais favoravel; apenas ficou um dos pequenos reprovado em portuguez, e 4 abandonaram o Quartel convictos de que esta casa lhes não servia. Dos restantes todos frequentaram, e com aproveitamento, pelo menos duas disciplinas, de maneira que se obtiveram, sem fallar nas passagens da 1.^a para a 2.^a parte de latim, 12 approvações nos exames finais, a saber: uma em Instrucção Primaria, 4 em Portuguez, 3 em Francez, 8 em Geometria, 11 em Latim, 1 em Latindade, 2 em Philosophia, 2 em Rhetorica, 2 em Geographia e 8 em Introducção; e n'este numero houve 5 distincções, sendo 3 em Latim, uma em Rhetorica e outra em Geometria, além de ser um dos nossos alumnos premiado em Introducção no collegio do Espirito Santo, onde frequentaram gratuitamente esta disciplina.

Já tenho a consolação de ver n'estes dois annos entrar para o curso superior do Seminario 4 dos nossos estudantes com os preparatorios concluidos, e um d'elles com a prenda de bom cantor adquirida no Quartel.»

Recebeu de esmolas em dinheiro 775\$280, e 313\$800 com que os mesmos bemfeitores cubriram o deficit do anno de 1885 a 1886 alem do recebido em generos alimenticios.

Congratulamo-nos com o digno director que deve estar mui satisfeito com os resultados que coroarão a sua generosa dedicacão.

Não necessita uma tão util empreza de ser recommendada ao zelo christão dos que desejam ver florescer a religião e o sacerdocio catholico.

O Quartel de S. Luiz Gonzaga é uma instituição alem de utilissima necessaria, é urgente nas actuaes circumstancias do clero que está rareando a ponto de poder causar gravissimo damno ás parochias e a todo o paiz.

As boas almas a quem Deus concedeu abundancia de bens temporaes devem auxiliar esta nobre empreza.»



SECÇÃO SCIENTIFICA

Os Sophistas do tempo de S. Paulo

Ascétismo, celibatismo, e socialismo

Insipientes, immodestos, sem benevolencia, sem palavra, sem misericordia.

S. Paulo, Epist. aos Romanos, cap. 1, v. 31.

S PRINCIPALMENTE por occasião d'este escripto que me cumpre explicar aos leitores d'onde eu tiro o direito e o poder de escrever religião, historia e moral, e achar-me n'este labor aqui n'esta *Revista*.

Em 20 de abril de 1884, Sua Santidade o Papa Leão XIII, na encyclica sobre a maçnaria, escrevia:

«Cumpre fazer de modo que as massas adquiram o conhecimento da religião. N'este proposito, aconselhamos o mais possivel o expôr-se os elementos dos principios sagrados que constituem a philosophia christã... Uma causa tão bella e de uma tão transcendente importancia evoca em seu soccorro a lealdade intelligente dos seculares, que alliam os bons costumes e a instrucção ao amor pela religião e pela patria. Fazei uma das forjas das duas classes, e empenhae-vos em que os homens contigam a fundo a Igreja catholica e a amem de todo o seu coração.»

Este appello do Soberano Pontifice, e a melhor recommendação dos escriptos que publico no *Progresso Catholico*; escriptos que tem por objecto o estudo historico e critico do christianismo, das suas origens e dos seus fructos: elles devem fazer conhecer e apreciar a religião expondo-lhe os principios elementares da philosophia christã.

Quanto ao meu poder, só direi: assim como eu pude tratar, por alguns annos, varias questões de direito constitucional, nas folhas politicas de Portugal, porque o havia aprendido, theoreticamente, na *École libre des sciences politiques de Paris*; assim tambem eu posso occupar-me agora de theologia, porque a aprendi legalmente, com um dos mais illustres Prelados de Portugal — com o meu condiscipulo e depois mestre, o chorado D. Ayres d'Ornellas; venerando arcebispo, de respeitosa memoria.

Resta-me só a agradecer o meu bom

acolhimento ao benemerito director d'esta *Revista*.

Posto isto, prosigãmos em paz.

* * *

Paulo, o rigido ascético, não vivia, como a maior parte dos apóstolos, nos laços conjugaes; era isto mais uma razão dos christãos hebraisanos o accusar de paganismo, de uma indulgencia excessiva, ou de um rigorismo exagerado. Mas estava longe das intenções do apóstolo o sustentar os antagonistas de Moysés e da sua lei, que pregavam o celibato como a unica virtude christã. Aquelle espirito ascético, que se apoderou, principalmente em Corinthio, de

lidade, e da pureza; elle louvava ordinariamente até a virgindade, mas elle não a considerava debaixo do ponto de vista do christianismo. O seu pudor era a irradiação da belleza mundana; e não era a irradiação da belleza suprema.

S. Paulo exhortou os seus correligionarios em romper todas as relações com a corrupção, em cortar na carne viva, em separar-se de todo o membro gangrenado.

O apóstolo foi mal comprehendido; a porta fechou-se ao arrependimento.

Havia-se formado em Corinthio um partido, cujo chefe era um certo Apollo; este partido havia-se embellezando por si mesmo com o titulo de douto; elle rejeitava a simplicidade de Paulo.

Então este abre largamente a sua alma, e deixa correr d'ella, em algumas paginas immortaes, uma torrente de amor, como o pelicano havia feito jorrar no deserto o seu proprio sangue, para dar de beber aos seus filhos esfaimados.

Paulo repelle toda a facção, todo o espirito de partido.

A metropole christã não é a metropole de Solon; ella tem a unidade da fé, o que não obsta a livre manifestação da individualidade; esta personalidade, particular a cada individuo, não deve nunca tornar-se collectiva, não deve nunca fraccionar o conjunto; o Christo e o estancante, e não Paulo ou Apollo.

Tudo o que depende do homem degrada o homem; tudo que depende de Deus releva o homem; tudo o que depende do homem suscita o temor do homem, ou o odio do homem; mas tudo o que depende de Deus, com o temor de Deus, suscita o amor de Deus, e o santo respeito com o qual é acolhida a palavra divina.

Deus trabalha com os homens, que são os operarios do seu templo, destinados a edificar no meio do genero humano.

Deus é a alma inspirada d'este edificio sublime, e nenhuma das enumeras mãos de que se serve para o levantar, nenhum dos enumeros pés que lhe pizam o lumiar sagrado, nenhuma das enumeras veias que fazem girar a torrente da vida divina, nenhuma d'estas admiraveis partes é o auctor do milagre permanente; todos ali concorrem pela vontade divina, e ninguem pela sua vontade particular.

* * *



A VIRGEM SANTA ESCOLASTICA

uma parte notavel da sociedade de fresco passada do paganismo ao christianismo, havia rompido o costume dos Judeus e dos Hellenos, com a emancipação exagerada das mulheres; prophetisas, ou antes bacchantes christãs, eram vistas correr ás assembleias; discursadoras exaltadas, ellas chegaram a intrrometer-se nas controversias theologicas; e de ordinario apresentavam-se sem veio nas reuniões, pugnando n'ellas pelas formas selvagens de um ascetismo o mais demagogico.

Com relação à natureza do paganismo, enganar-se-liam os que pensassem que elle idolatrasse exclusivamente a carne; elle fazia uma alta idéa da cas-

Paulo diz áquelles que se queixam de o não achar assás logico nem assás philosopho, segundo as formas e a argumentação da escola, que elle não é um professor para dar-lhes as lições que formam o espirito e a meditação terrenas; mas que lhes apresenta o Deus morto por todos, resuscitado por todos; que este Deus deve ser recebido no espirito da fé que o dera ao mundo, e que este espirito não é o espirito profano; que elle não se apraz no bem fallar, nem com o seguir com exactidão o encadeamento de um discurso esmaltado.

Elle communica-lhes a vida e não o pensamento, o verbo e não a syntaxe, a razão divina e não a razão humana, o genio do altissimo e não o espirito d'este mundo, a inspiração santa e não combinações engenhosas.

* * *

Com relação ao celibato, Paulo manda que cada um escute o seu coração, e sonde as forças das suas visceras.

Elle reconhece na vida ascética uma forma mais elevada da vida ideal; mas não a exalta nunca ao detrimento da existencia patriarcal; elle deseja que ella sobresae-a da individualidade de uma alma forte, e que seja o merito particular, e não o merito forçado.

O celibato nada tem de commum com a perfeição christã; elle não é senão um dos numerosos aspectos da individualidade humana. A perfeição christã, é a *devoção* à causa divina, é o preferir a morte ao renegar a lei, é o sacrificar o todo terrestre ao todo divino, é o holocausto do rico e do pobre, do patriarcal e do cenobita.

* * *

N'aquelles tempos, a gentilha pobre thessalonicense interpretando estupidamente o prognostico da vinda futura do Christo, deixaram o trabalho inteiramente e vae exigir dos ricos uma alimentação quotidiana. Ao mesmo tempo falsos prophetas enchiam a congregação de visões phantasticas, e desgostosos com estas insanias, alguma gente grauda rebate do christianismo o que era maravilha e dá origem ao racionalismo.

S. Paulo em duas Epistolas dirigidas aos Thessalonicenses, insiste então sobre o meio da liberdade christã; liberdade que se eleva acima do prophetismo rustico e da licença d'aquelle judaismo christão, que emana de uma democracia orgulhosa; liberdade que domina igualmente o despotismo epicureo dos homens da sociedade escolhida, cuja tendencia racionalista não reconhece outra soberania senão a da critica.

Em Corinthio esta escola chegou ao ponto mais repugnante: era a aristocracia de uns poucos de individuos, que dirimem do alto da sua olympica... factuidade. Cheios de argucia, estes sophistas de sociedade grauda tinham por móto o desrespeito por tudo o que era simplicidade.

Para o puro tudo é puro, diziam elles, maxima que com facilidade abria uma porta ao vicio. Elles viam o *bem em tudo*; eram uns *arrangistas* para nos servirmos da expressão moderna, até irem cair na maxima relaxação.

S. Paulo indigna-se contra estes sophistas, que se proclamavam esclarecidos, mas que desprezavam os seus coreligionarios ignorantes; que se diziam tolerantes mas que, com um descaro inaudito, se mofavam dos erros dos outros; que pertendiam curar com o sarcasmo o que só se deve curar com o amor...

* * *

Com uma admiravel subtileza de genio oratorio, o apóstolo que havia tentado persuadir os philosophos de Athenas mostrando-lhes no Christianismo a ultima palavra da sabedoria professada por Socrates, em Corinthio S. Paulo toma uma attitudo inteiramente opposta.

Os doutos e os grandes haviam-n'o mettido a ridiculo e abandonado, como seu divino Mestre, S. Paulo voltou-se para os ignorantes e os pequenos, glorizando-se «de não conhecer senão Jesus Christo crucificado,» pondo a sciencia humana muito abaixo da simplicidade ingenua dos ignorantes. E foi em Corinthio, n'esse sumptuoso sanctuario da Venus impudica dos Phenicios, que, fóra de si pelas contradicções e as blasphemias dos Judeus da synagoga, «Paulo sacudindo os seus vestidos, lhes disse: *O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça: eu estou limpo, desde agora me vou para os Gentios.*»

Tão reservado quão profundo, apesar das protestações chamejantes dos Corinthios, apesar da sympathia que sentia por esta população ardente e viva, no meio da qual havia passado uns dezoito mezes, S. Paulo guarda o seu affecto e a sua confiança para as almas simples e puras, que havia encontrado em Thessalonica e em Philippos.

E' a estas duas nobres egrejas, que recorre nas occasiões de precisão; não quer dever nada aos Gregos aos quaes considera como uma gente leviana e contradictoria.

J. C. de Faria e Castro.



SECÇÃO HISTORICA

Fr. Antonio de Jesus

Missionario Apostolico e Fundador do Seminario de Santa Maria Magdalena na Falperra

ENDO aqui dado uma breve noticia biographica do veneravel Fr. Simão da Rainha Santa, religioso franciscano, fallecido em cheiro de santidade a 26 de setembro de 1859, não podemos deixar de biographar, ainda que tambem resumidamente, outro varão eminente em virtudes, mas de mais nomeada, da mesma Ordem, seu contemporaneo e companheiro nas lides apostolicas e nos trabalhos padecidos pela causa da justiça e da verdade.

Ha cincoenta annos, nos principios da monarchia liberal, quando a Igreja portugueza luctava com o scisma e genia oppressa por todas as calamidades resultantes da Revolução, era o nome d'esse illustre varão reverenciado pelos verdadeiros catholicos e perseguido pelos inaus.

Já todos conhecem que nos referimos a Fr. Antonio de Jesus, missionario apostolico e fundador do convento da Falperra denominado Seminario de Santa Maria Magdalena.

Porque effectivamente foi este venerando *egresso*, ou antes expulso da casa em que voluntariamente entrara e que do coração amava, quem occupa o primeiro logar na historia do scisma portuguez de 1834, e cujas obras acerca d'este ponto devem ser consultadas por quem desejar saber como as cousas se passaram.

Nasceu Fr. Antonio de Jesus na freguezia de S. Pedro Fins de Parada, aldeia de Lama, no concelho de Coura, no anno de 1774. Era filho legitimo de Francisco Fernandes e de sua mulher Maria Josepha de Araujo, pessoas pouco remediadas, mas honestas.

Como seus paes não tivessem meios sufficientes para o dedicarem à vida ecclesiastica e ordenarem de clerigo, para o que inostrava uma decidida vocação, não queriam que elle estudasse; contudo, apesar d'esta difficuldade, estudou grammatica latina com um professor regio, Antonio Pereira, da freguezia de Formariz, do mesmo concelho de Coura.

No anno de 1789 vieram à freguezia de Parada em missão os religiosos franciscanos de Vinhaes, aos quaes o nosso Antonio pediu para o acceitarem na sua Ordem, e, acompanhando-os para aquella villa, recebeu o habito e professou com o nome de Fr. Antonio de Jesus. Tinha então de idade 15 annos.

De passagem notaremos que o convento de S. Francisco em Vinhaes tinha sido fundado ha poucos annos, já no ul-

lino quartel do seculo XVIII, sendo Bispo de Miranda e Bragança D. Fr. Aleixo de Miranda Henriques, que depois foi transferido para a diocese do Porto.

Ainda hoje os povos da provincia de Traz os Montes tem grandes saudades e gratas recordações dos frades de Vihaes...

N'esta casa religiosa Fr. Antonio de Jesus foi um modelo de todas as virtudes que constituem a perfeição monastica, muito exemplar no cumprimento dos seus deveres. Alli exerceu o cargo de guardião, sendo desveladissimo na educação dos noviços.

Era tão grande o seu espirito de abnegação e o seu desprendimento das cousas da terra, que só uma vez entrou na casa paterna, depois da sua profissão religiosa, e assim mesmo a pedido de sua mãe.

O mestre, com quem Fr. Antonio aprendeu a perfeição evangelica, todas as virtudes religiosas, o santo temor de Deus, foi aquelle varão extraordinario, cujo nome então soava com fama de santidade não só em Portugal, mas ainda nos paizes estrangeiros, o santo Bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara.

Não admira, pois, que de tão excellente eschola saísse um tão perfeito discipulo.

Alem do latim era Fr. Antonio de Jesus versado no hebraico, francez, inglez, italiano e hespanhol. Tinha grande instrucção nas letras divinas e humanas, e sobretudo a verdadeira sabedoria, e o santo temor de Deus.

Por este motivo foi amado pelos homens piedosos, e aborrecido, perseguido e calumniado pelos impios, e ainda por alguns que se diziam catholicos.

Em 1826 principiou Fr. Antonio a edificação do convento da Falperra, no meio de grandes difficuldades, que venceu por seus perseverantes esforços, triumphando completamente das calumnias que lhe levantaram.

Seus adversarios pretenderam estorvar a fundação do novo convento, accusando-o de doutrinas erroneas perante el-rei D. João VI e o Nuncio Apostolico em Lisboa; mas Fr. Antonio offereceu sujeitar-se ao exame das doutrinas, e o mesmo Nuncio reconheceu a final a intriga de seus inimigos. E assim não conseguiram impedir a fundação dos novos missionarios no monte da Falperra.

Em abril de 1833 recolheu-se elle a este convento, d'onde foi expulso em 1834 com seus companheiros, discipulos e alumnos.

Quando o santo Bispo de Bragança, D. Antonio Luiz da Veiga, foi perseguido e calumniado, sendo desterrado para S. Vicente de Fóra, e em seguida para Alcobaga e para o Bussaco, o nosso Fr.

Antonio de Jesus, seu discipulo, dirigiu-se a Roma e informou de toda a verdade o Santo Padre Pio VII, que immediatamente annulou tudo o que se havia dito e feito contra o Prelado brigantino; e este foi restituído à sua diocese.

Pio VII attendeu-o benignamente, concedeu-lhe a benção apostolica e deu-lhe um breve para estar em qualquer parte da christandade, dando parte ao seu geral do logar onde se achava.

Desde então empregou-se sempre em escrever sobre o direito publico da Igreja e a observancia da regra monastica, compondo n'este assumpto quatro grossos volumes.

Depois do cataclismo de 1834 foi substituido por Gregorio XVI Vigario apostolico em todo o reino de Portugal e administrador provisorio do arcebispado de Braga, no tempo do scisma.

Escreveu longamente contra o mesmo scisma, defendendo a unidade da Igreja e os direitos da Santa Sé, e sobre os deveres dos catholicos em tal conjunctura, sendo por esse motivo cruelmente perseguido.

Porque Fr. Antonio de Jesus era um catholico purissimo, diriamos até um verdadeiro *ultramontano*, se esta palavra não fosse anachronica: elle teve sempre por inimigos o liberalismo, o regalismo, o jansenismo e a maçonaria, que combateu denodadamente.

Falleceu santamente a 20 de outubro de 1841.

Fr. João Baptista de Jesus, religioso do seminario da Falperra, e que viveu onze annos com Fr. Antonio, escreve d'elle o seguinte:

«Era tão austero consigo, e benigno com todos, que na minha humilde opinião foi o homem mais santo que tenho conhecido n'este mundo, conformando-se a vida com a morte, que foi preciosa pelos signaes que n'ella se manifestaram.»

Deixou escriptas muitas obras, das quaes se tem publicado pela imprensa as seguintes: *Tratado de Direito Publico, Historia Breve e clara das leis humanas, Analyse dos erros contra a religião que contem a Carta Constitucional, Voz da Igreja, Doutrina da Igreja Gullicana sobre o scisma, Clamor do povo fiel, e Exposição da fé* que professam os parochos e presbyteros orthodoxos de Portugal.

Esta ultima obra é dedicada pelo mesmo author *A memoria e orthodoxia do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio da Veiga, Bispo de Bragança.*

Outras muitas obras ainda se conservam ineditas, e em todas ellas revela a sua solida doutrina, actividade e zelo religioso.

P.^o João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Confissões da maçonaria

No 4.º n.º do 9.º anno d'esta revista terminavamos um artigo sobre a maçonaria com as seguintes palavras:

«... Para nós mação é, como o deve ser para todos os que pensam e lêem, synonymo de inimigo odiento de Christo.»

A quem por ventura parecesse exagerada a nossa asserção, vamos hoje offerecer provas do contrario, e provas superiores a toda a excepção e suspeita, porque nol-as subministra a propria maçonaria.

Felizmente, não fica sepultado nas trevas das chafaricas tudo quanto lá se diz e faz; e até as *pranchas* trocadas entre as diversas lojas chegam providencialmente ao conhecimento dos *profanos*, não para sua edificação, mas para seu pleno desengano.

Sem mais preambulos, passamos a inserir, transcrevendo-as do nosso estimado collega de Coimbra *A Ordem*, duas d'aquellas *pranchas*, a que logo faremos brevíssimas observações.

Dizem assim:

«Aos VV. Ir.^{es} das LL.^{as} M.M.^{as} da alta Italia

«Em quanto se verifica a unificação das forças da Italia sob a alta e unica direcção d'um grande oriente geral, nos dirigimos aos irmãos e às lojas da alta Italia, n'um assumpto de importancia suprema para o triumpho da verdade, no seio da humanidade culta, contra as derivações *supramordias* (?) produzidas pelo espirito malefico das theocracias e das religiões subrenaturaes (*estyllo positiviceiro*) e particularmente pela mais tenaz de todas, a religião catholica.

«Nunca se poderá elogiar como se deve o que na Italia se tem feito, invocando as revindicações da politica e do interesse das riquezas do paiz, e os direitos da humanidade, principalmente (*arregale o olho, sr. Martins*) a supressão das Ordens Religiosas, a desamortisação dos bens da Igreja e a destruição do poder temporal.

«Estes são os tres grandes factos historicos que constituem as bases do granito do movimento maçonico na Italia.

«Os esforços que fazemos pela imprensa e pela eschola, são mui louvaveis, e devemos falar tambem, como d'um exemplo digno de imitação, das demonstrações e dos *meetings* dos circulos anti-clericaes.

«Mas isto não basta. A boa vontade do governo em sustentar a propaganda

das theorias naturalistas, tão indiscutíveis, em opposição á revelação, não pôde produzir de repente todos os seus effeitos.

«As exigencias da politica interna e externa nos obrigam frequentemente a tomar em conta os inveterados prejuizos das populações e os zelos dos gabinetes europeus compromettidos n'um trabalho grandioso, a saber: a destruição das potencias catholicas, como catholicas.

«O bem da maçonaria da Italia, o bem da maçonaria da Europa, exigem que procedamos com prudencia.

«Mas os deveres a que estão obrigados os homens de Estado, não ligam a acção particular dos irmãos maçons, e esta acção particular pode exercer-se de modo que o ministerio se veja mais livre, prestando-nos o auxilio da força que tem na sua mão e que deve dedicar-se ao triumpho da humanidade purificada de superstições.

«Antes de tudo é necessario inocular no espirito do povo a ideia de que a maçonaria não intenta nenhum fim politico, mas unicamente a beneficencia e a paz, trabalhando para dar a liberdade e emancipar os homens das cadeias com que as religiões, os dogmas e os preceitos os algemam.

«Depois convém fazer crêr que a maçonaria não combate os catholicos, mas os clericos, que são os corruptores do catholicismo.

«É para espalhar no povo estas ideias de salvagão nada mais util que os jornaes, as associações, as sociedades operarias de soccorros mutuos, as conferencias, as lojas maçonicas, as sociedades cooperativas, e nos povos do campo, onde não ha lojas, na filiação á maçonaria.

«Estas instrucções se desenvolverão mais tarde; e entre tanto transmittam-se aos adeptos, pois está proximo o dia em que a natureza cantará o hymno da redempção sobre as ruinas das religiões, em que a revelação cesse de algemar as forças do homem.»

«Ven. Ir.»

«Ensoberbecida a Egreja Vaticana, implacavel inimiga do progresso humano, em virtude da humilhação dos principes e dos governos, acaba de nos dirigir um repto condemnando a queima dos cadaveres que a nossa sociedade tinha organizado, e com a qual temos obtido magnificos resultados. Nós, pois, devemos responder energicamente a esta provocação, a fim de que um triumpho da Curia Vaticana não imprima á humanidade um movimento retrogrado que nos faça retroceder ás trevas da barbaria da idade media. Para condemnar a cremação, a Egreja alega o seu

dominio sobre os vivos e sobre os mortos, sobre as consciencias e sobre os corpos. Procura manter nas massas as antigas opiniões sobre a alma espiritual e sobre a vida presente, apagadas pela linda sciencia moderna. A sociedade maçonica, que trabalha para conhecer a liberdade e a verdade, e que tende ao aperfeiçoamento humano, deve por isso oppôr-se a tudo que pretenda ter um caracter espiritual e sobre-natural, porque a natureza humana, perdendo-se em invencões transcendentaes e em procura de bens, fóra da materia e do tempo, perde a sua actividade e impede o progressivo desenvolvimento do bem estar particular e publico, que só pôde existir na vida presente.

«Os Ir. devem empregar todos os meios para propagar a cremação até que chegue a ser costume geral. A ideia de que a cremação subtrahе os corpos á corrupção e nos proporciona a vantagem de conservar em nossas casas os corpos das pessoas queridas, poupando-nos as despesas dos ritos religiosos, pôde influir sobre o povo, que sempre se leva pelo sentimento e pelo interesse. Constituam-se centros promotores de cremação nos povos pequenos, e torne-mol-a conhecida pela palavra e pela escripta. Tribulem-se honras aos que legarem seus corpos á sociedade de cremação, e faça-se notar que o inimigo da cremação é o sacerdote pela vil ganancia que quer especular sobre os cadaveres. A loja confia no vosso zelo e prudencia e espera que a informareis do que fizerdes em favor de tão humanitaria obra.

«Saude e fraternidade.»

Na primeira d'estas *pranchas*, ou circulares, declara-se a maçonaria adversa ás religiões *sobrenaturaes* e particularmente á mais tenaz de todas, a *catholica*; e não encontra elogios sufficientes para a suppressão das ordens religiosas, para a desamortisação dos bens da Egreja e para a destruição do poder temporal. Não será isto manifestar bastantemente o seu odio a Christo e á religião christã?

Louva os *meetings* anti-clericos, e a propaganda das theorias *naturalistas* em opposição á *revelação*; entende ser um trabalho grandioso a destruição das potencias catholicas, como catholicas; e até espera o auxilio futuro da força governativa para purificar a humanidade de superstições, isto é, para lhe arrancar a fé pela violencia. Não será isto ser odiento inimigo de Christo?

E para conseguir o seu infernal *desideratum*, a maçonaria aconselha aos adeptos a mais refinada velhacaria: *fazer crer* ao povo que a seita não tem nenhum fim politico, mas visa unicamente á beneficencia e á paz; e que não combate os catholicos, mas os cle-

ricos, que são os que corrompem o catholicismo; e indica-lhes os meios mais uteis para illudir o povo, meios de que a seita usa e tem usado entre nós: os jornaes, as associações, as sociedades operarias de soccorros mutuos, as conferencias, as lojas maçonicas, as sociedades cooperativas, e a filiação á maçonaria.

Ainda não estará bem patente o odio satanico da seita a Christo e á sua obra divina?

Na segunda *prancha*, a proposito da resurreição pagã, cremação dos cadaveres, obra da seita, e da condemnação com que a Egreja catholica a fulminou, continúa a maçonaria a manifestar a sua opposição a tudo quanto tenha caracter *espiritual* e *sobrenatural*, a tudo quanto passe fóra da materia e do tempo, o que é absolutamente contrario ao espirito do christianismo que, embora, como observou Montesquieu, não deixe de cuidar na felicidade terrena do homem, se encaminha sobretudo a alcançar-lhe a eterna bemaventurança.

Finalmente, e será esta a nossa ultima observação, a maçonaria gaba-se do auxilio do governo d'Italia á sua obra de destruição da religião revelada, e espera de futuro ainda maior e mais efficaz cooperação da parte d'elle, o que para nós não é novidade nem motivo de pasmo; o que nos admiraria, se n'esta epocha de geral transtorno e confusão alguma coisa podesse admirar-nos, é que tudo isso se faça sob o sceptro d'um principe oriundo d'uma familia que outr'ora se assignalou pela sua piedade e virtudes christãs, e que contou santos entre os seus membros!

A. Moreira Bello.

Communidades

Disse ha pouco o *Figaro*, folha que se publica em Pariz—que a Superiora de uma das casas religiosas da designada cidade dissera a um dos redactores do mencionado jornal «que não se passava um dia em que a mesma Superiora se não visse na necessidade de não acceder ao pedido para fazer parte de aquella comunidade por lhe faltar a capacidade de lugar ou por outra qualquer circumstancia não desairosa para a postulante.» «Os Mosteiros estão plenos de pessoal» disse ainda o *Figaro*.

As *Ordens Religiosas* de Frades ou Congregados para o sexo masculino como para o femenino, longe de se extinguirem por falta de membros, conservam-se, augmentam e novas, ou novamente fundadas, apparecem, pois que assim está nos Designios de Deus! e os

decretos e leis de todos os Governos e Parlamentos serão inefficazes para fazer desaparecer as *Ordens Religiosas*, que aliás brotam de novo onde a impiedade procurou fazel-as esquecidas.

As *Ordens Religiosas*, os *Conventos* entram ou partem da *Divina Economia*; sam serviço e triumpho religioso, sam de necessidade *Social*; a *Sociedade* carece de tal *Elemento Exemplar* de caridade, de educação, religião e consolação. Entre tantas outras considerações ha esta; uma das causas da multiplicidade dos *suicídios* é a guerra feita aos *Conventos* que *abertos* sam guerreados pela impiedade que se faz aceite pela ignorancia; *fechados* pela força bruta despotica não podem dar entrada; assim os fracos e os desesperados, em vez de irem pedir auxilio e conforto aos *Conventos*, que nunca se negaram, attentam contra a propria vida. Temos conhecido gente, que em mui angustiosos momentos procurou a consolação nos *conventos*; de tal gente uma parte entrou no *Claustro* para nunca mais de lá sair, outra foi lá reforçar-se espiritualmente para poder resistir á tentação diabolica do *desespero*, e assim um Dr. em Direito, um General, um Diplomático, nossos pessoalmente conhecidos, e muitos outros. Um grande numero das pessoas que se tem tornado veneraveis e até *postos nos Altares* é justamente de individuos, que, se não se tivessem refugiado ou recolhido nos *Conventos*, se tornariam desgraçados para o Tempo e para a Eternidade! Nunca antes os *Conventos* foram mais de necessidade, como grandes meios de exemplo, de consolação, de ensino e moralisação, do que *hoje* e basta para o provar: que por um *Convento* violentamente destruido se tornam mister *novos carcerees*. Temos ouvido lamentar o desaparecimento dos *Conventos* a homens, que tanto para isso, mediata ou immediatamente, concorreram, e porque viram as consequencias nefastas de tal desaparecimento iniquamente verificado. A importancia *religioso-Social* dos *Conventos* é tal que outras collectividades, ditas *Religiões* não *Catholicas*, têm como *elemento* não dispensavel um *dispensado* os *Conventos lá a seu modo*; v. gr. o Dr. Pusey quiz incluir no *Prottestantismo* o *Claustro* e até o realisou, mas só com successo imperfeito e improductivo como tudo que deixa de ter o *Sello* da *Completa Verdade!* Para que se dê no proceder do homem a justiça, para que elle seja justo, basta que se conforme com a *Lei*; mas para que o homem seja perfeito é mister que se conforme com os *Conselhos Evangelicos*, e o Divino Salvador não disse que esta conformidade era impossivel ao homem: «*Vende, quae habes, et dá pauperibus!*» Não é só um mas tres sam os *Conse-*

lhos Evangelicos: Obediencia inteira, Pobresa voluntaria, Castidade perpetua. Aos tres *Conselhos* pôde chegar o homem, e Deus quiz que tal possibilidade fosse provada, dispondo *ab aeterno* a existencia dos *Conventos*, e estes fazendo a prova, e a prova publica, *coram omnibus*. A Historia dos *Conventos* é uma narração secular, sam uns innumerados *Tomos* cheios de piedade e sciencia! A *bibliotheca Publica* de Lisboa, por exemplo, convida seus visitantes a subir-lhes escadas por uma série de retratos de *Frades* tão notaveis pela virtude como pelo saber. O *Convento* é na *Terra* como uma *compensação no Tempo* «*Providencial e Misericordiosa*» do *Paraiso Terrial!* Neste fez *Lucifer* a perturbação pela *serpente*; aos *Conventos* tem feito a guerra o mesmo *espírito infernal*, servindo-se de *homens venenosos* e assim *asserpentados*. Os *Conventos* sam um *forte braço* nascido do *Tronco-Christianismo!* Aliás nada é fraco do que nasce, *procede* ou *dimana*, da *Obra* do *Homem-Deos!* Os *Conventos* principiaram quando assim aprouve á *Providencia* e *Providencia Divinal*, quando estava nos *Infinitos* Designios! As *Ordens Religiosas* sam de *Deos*, nenhuma força humana é capaz de as aniquillar; se algumas vezes têm desaparecido pela sacrilega violencia em alguns *Povos*, n'outros se conservam, n'outros nascem, e n'aquelles fleou a raiz para de novo brotarem e crescerem, v. gr. na *Inglaterra*. Em *Portugal* sente-se o vazio deixado pelo desaparecimento dos *Conventos* em resultado de uma das maiores iniquidades praticadas, e ainda com circumstancias das mais aggravantes, e é questão de tempo o seu reaparecimento; para as *Colonias Portuguezas* os *Conventos* sam por forma exigidos que o argumento *insufugivel* é este: «*Ou os Conventos já, ou perdel-as!*» *Monarquia* *Portugueza* em poucos annos.» E menos importa perdel-as, do que perderem-se lá tantas almas pela falta de assistencia e direcção *Espiritual!*

Uma *Nação sem Conventos* não é um *Povo civilisado*, pois que esta falta indica que ha n'esse *Povo* uma força bruta e despotica que impéde a existencia do *Claustro*, embora tal impedimento provenha só dos que têm em mão a administração da *Rés publica*. Os *Conventos* sam casas de paz, e é uma iniquidade fazer-lhes guerra. O *Claustro* encerra verdadeiras grandesas de toda a especie; só o *espírito de injustiça* e o *meu gosto injusto* tal desconhecem ou antes não reconhecem; nós já nos encontramos com um homem, que nos disse: não gostar de ver o sol!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO LITTERARIA

Hymno das Filhas de Maria (*)

voz

Muito embora que o erro após si,
leve a turba descrenta arrastada,
legião do sublime estandarte,
só da fé nos convida a cruzada.

Desvarios de uma falsa sciencia,
não tememos, nem rudes parais;
que os seus tiros repelle, indignada,
a phalange infantil nos broqueis.

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude,
exaltemos a quantos nos chamam!
e com dons generosos e exemplos,
com ensinos de fé nos illumam.

Eia ainda, aclamemos um livro,
aureo sulco irrigado de luz!
Celebremos a quantos ás bôdas,
nos convidam do ceo e Jesus!..

voz

Quem da infancia não vê nas mãos breves,
da familia os vindouros destinos?
as conquistas do ceo, que obrarão,
do futuro os leaes peregrinos?...

Sam a fé não buscamos ensinos;
só com fé procuramos saber.
Vem o mundo das crencas tombando?
Nossas mãos hão de a molle soste!...

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude, etc.

voz

Sobre o labio das loiras creanças,
vibre o nome tão santo de Deus;
e, no peito, ao gentil coração,
desçam tremulos raios dos ceos!...

Turbilhão de iriados insectos,
seduziu-os um raio de luz;
e, no biblico templo das lettras,
acolheu-nos Maria e Jesus!...

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude, etc.

voz

A' colmeia infantil trouxe pasto,
mão doçosa, na cruz inspirada;
e das lettras na luz e mysterios,
foi a loira phalange banhada.

Mas dos livros sómente o conceito
do saber, não achamos no templo;
das nustras Irmãs, á piedade,
nossos passos dirige o exemplo.

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude, etc.

voz

Muito embora, em rigôres, as plantas,
nos espinhas as iriões se lhe firmam:—
Soffre algum?—e eis que os anjos ao triste,
com as uzas fulgentes cobriram.

E, entre dois tão diversos crepusculos,
que invejáveis destinos os seus!
Ao que expira, se apontam a altura,
acs que surgem, só fallam de Deus!...

(*) Expressamente feito para ser cantado pelas Filhas de Maria, da escola da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco d'esta cidade, dirigida por Irmãs Hospitaleiras.

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude, etc.

voz

Mais illustres do soc'lo que heroes,
levantados no escudo das gentes,
é o bando das pombas sagradas,
do progresso operarias valentes.

Uma conversão

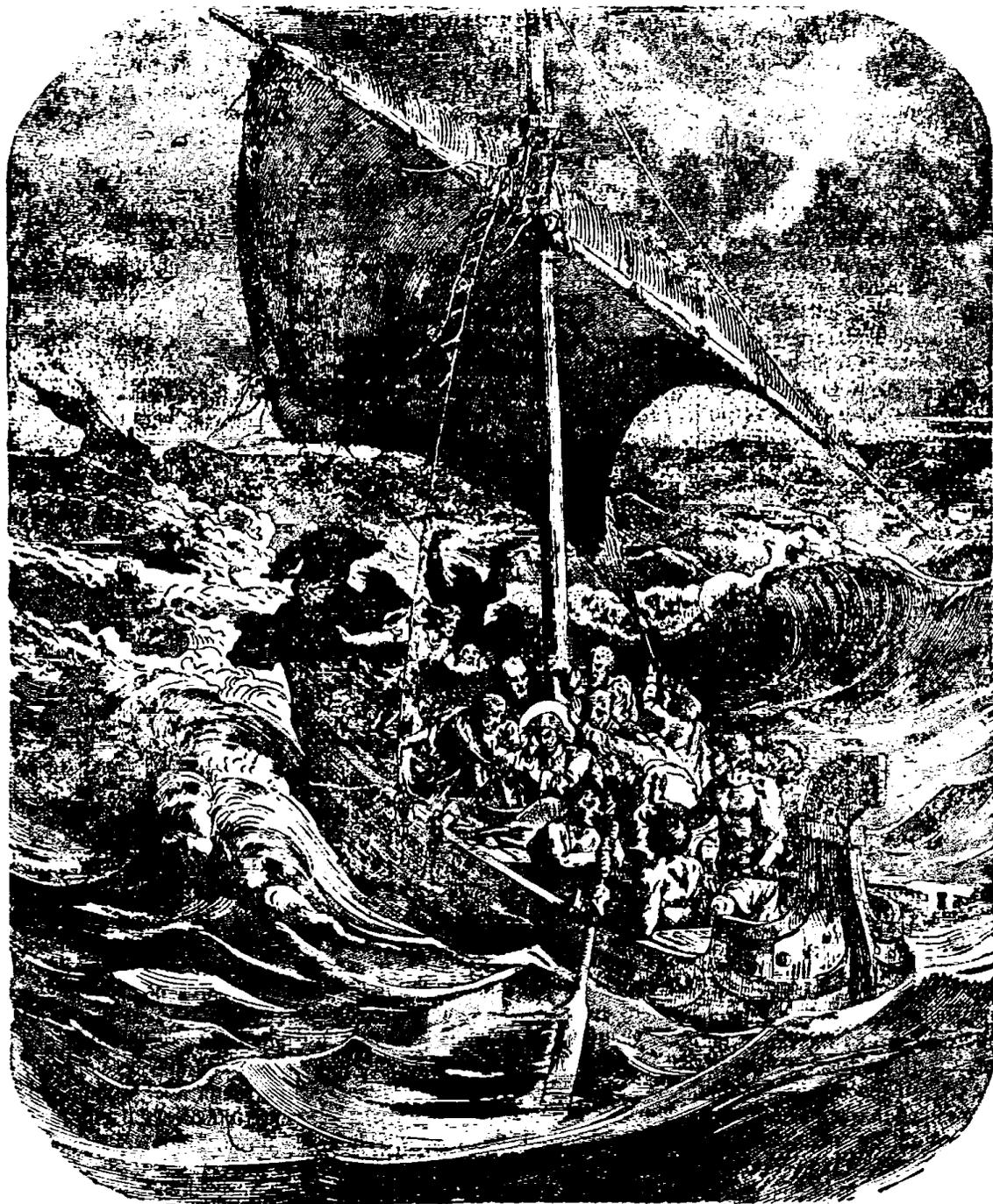
A' Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria da Conceição
Vaz Napoles

(Continuado do n.º 6)

VIIL provas me acodem ao espirito;
mas basta-me esta.

alma, outra vos entra saudosa no redil. Oh Maria, eis aqui um pobre peccador, que pede o apresenteis a vosso Filho!

E, pois que sois tão bondosa, pedi a Deus que, na mesma occasião em que para Elle me volto, não permita que



A BARCA DE PEDRO

E, entre as benções dos bons e do ceo,
aos pequenos e fracos guiando,
eil-as calmas e heroicas seguindo,
luz das mãos e confortos soltando!...

côro

Eia, pois, ao saber e á virtude, etc.

Cintra, 26 de outubro de 1886.

Mattos Ferreira.

Dèsque não és christã, causas-me horror: logo o Christianismo é verdadeiro.

Renuncio aos systemas que fizeram manchar a mais bella das almas; e eis-me junto á vossa cruz, lemna da verdade, meu bom Jesus! Quero compensar-vos da falta d'aquella que acaba de vos abandonar; se perdeste uma

Luiza se transvie para sempre. Luiza, Luiza, é necessario que eu te converta!

VI

«Querida Luiza:

«Já não posso estar mais tempo sem vos abrir o meu coração. Sabeis que sou christão.

*Je vois, je crois, je sais; je suis desabusé!
Eu vejo, creio, e sei; desenganado estou!*

Saio agora do tribunal da misericórdia, onde confessei cinco annos de erros, de illusões; amanhã vou à sagrada Mesa (vem-me à lembrança a minha primeira communhão!). Porventura não vireis à igreja, n'esta occasião, pelo menos, Luiza?

Fostes vós quem me convertestes; oh! sim; fostes vós.—Como?—dir-me-eis. Deixando de crer. Sim, o ultimo dia que vos vi, tão mudada vos achei, que bem conheço que laborava no erro. Disse e digo ainda: a verdade não mancha as almas.

Logo que comecei a crer, tornei-me feliz. Felicidade! Mais um fructo que não conhecia, fructo que jamais desponha na arvore da mentira.

Mas vós, Luiza, sereis feliz? Ah! não é possível. Renunciai depressa a tão fataes erros; queimai ja o meu livro.

Estamos em maio: tudo sorri e encanta! A natureza com os seus verdores, toda ella e um cantico. Olhai os rebentos a annunciar-nos o renascimento das arvores; vede como desabrocham as flores—eis uma verdadeira resurreição.

Ainda ha pouco no campo para onde me retirei ia pensando em tudo isto. E dizia commigo: Acabo de resuscitar; a alma de Luiza não resuscitará tambem? E'-vos isso tão facil, Luiza. Basta que vos recordeis do passado.

Lembrai-vos de vós e de mim tambem.»

VII

«Meu bom amigo:

«A minha filha recebeu a vossa carta que veio causar-lhe o mais vivo prazer; prazer que nem sequer podereis imaginar. A boa da pequena, crede-o, nunca tem deixado de ser a humilde christã que vós desejais. Pede-vos mil perdões por ter empregado, a fim de vos trazer ao bom caminho, uma simulação de que espero não lhe fareis nenhuma censura. Entendeu que offerecendo-vos o triste espectáculo da alma de vossa esposa sob o imperio da dúvida e da incredulidade, não poderieis ficar por muito tempo n'esse deploravel estado. Chegou a causar-vos horror—eis o seu unico desejo; conseguiu tornar-vos christão—é pelo que esta querida alma suspirava dia e noite, e era o que suas lagrimas pediam a Deus.

«Até amanhã, meu filho. O Senhor vos abençõe e à minha muito amada filha.»

VIII

E foi assim que me tornei christão.
Deus seja para sempre bendito!

Trad. de Léon Gautier.

A. A. Torres.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Affonso de Albuquerque



DAMOS hoje o retrato d'um dos vultos mais robustos da nossa historia, d'um dos capitães mais valentes da nossa marinha, d'um dos nossos mais famosos conquistadores.

Affonso de Albuquerque, segundo filho de Gonçalo de Albuquerque e de D. Leonor de Menezes, senhores de Villa Verde, nasceu entre Alhandra e Villa Franca, na quinta do Paraiso, pelos annos de 1453. Creado no paço dos nossos reis, leve a sua primeira escola na corte de D. Affonso V, militando depois na Italia como voluntario, fazendo parte da expedição que soccorreu contra os turcos o rei de Napoles.

D. João II fel-o seu estribeiro-mór, e em 1489 tomou parte nas gigantescas campanhas de Africa. Com mais vagar fallaremos d'este vulto famoso da nossa historia, e, enquanto, leitores, descobri-vos, respeitosos, diante do retrato de Affonso de Albuquerque.

II

A Virgem Santa Escolastica

Na primeira gravura damos o retrato do valor, do heroismo, do patriotismo; n'esta segunda damos o retrato da santidade e da abnegação, de todas as virtudes.

Santa Escolastica, irmã de S. Bento, senhora de uma grande fortuna, abandona tudo, dá-o aos pobres, e vae, na solidão, pedir ao irmão que lhe indique o meio de viver santamente. E ella fica perto d'elle, vivendo a vida dos santos.

Vede-a envolta no habito monastico! Como é formosa, como as dobras d'aquelle habito cahem bem, escondendo as formas feminis! Como é bello aquelle rosto fitando o seu divino Jesus! Como é solememente piedoso o que offerece a sua meza, com uma caveira e um livro!

Não é nosso intento biographar a santa Irmã de S. Bento, mas, já que a demos na mais pathetica posição e na mais formosa, deixae, leitoras que nos façamos um pedido:—Na época do carnavao que vem perto, fugi d'esses brincados estupidos e sem graça, refugiae-vos no vosso quarto, e, aos pés de Jesus Christo, imitae, ao menos n'estes dias, Santa Escolastica.

III

A Barca de Pedro

Ronca medonha a tormenta, e treme o mar, a terra, os astros; vae na barca geral medo, só Jesus placido dorme.

A nossa terceira gravura representa um drama passado nos mares de Galilea quando Jesus na terra andava. Ninguém na barca vê salvação, e com tudo Jesus dorme, está tranquillo, não dá pelo espumar das vagas, não se importa pelo bramir da procella.

Essa barca que ha dezoito seculos ria, nos mares da Galilea, do rugir da tempestade, é a mesma que hoje ri das ondas da revolução, dos tiros da impiedade, das tiradas do jornalismo, dos maçonisantes decretos dos governos.

Por mais que as ondas se revolvam, que os ventos soprem rijos, que os mastros se partam, que o velame se rompa: quando Jesus quizer, quando Elle olhar o mar, tudo se acalma, e as ondas ajoelharão aos pés do Papa, e os ventos beijarão submissos as vellas da barca, e a paz restabelecer-se-ha.

Contemplemos n'essa barca a Igreja e n'essas ondas os seus inimigos, e tenhamos fé n'aquelle que tudo pôde.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



Ó agora nos chegou a noticia do fallecimento d'um leitor e amigo do *Progresso Catholico*, o snr. José Maria da Motta Ribeiro, fervoroso catholico de Basto, e entusiasta pelos progressos da nossa Revista.

A' viuva do fallecido, e a seus filhos enviamos a expressão do nosso pesar por perda tão sentida e a nossos leitores pedimos as orações costumadas para suffragar a alma do nosso amigo, que na celestial morada gosará a vida eterna.

Surprehendeu-nos tambem ha poucos dias a noticia da morte d'um outro amigo do *Progresso Catholico*, o Rev.º Snr. Padre Antonio Vieira de Mello, sacerdote respeitavel, do Porto, que nos parece ser dos assignantes fundadores d'este periodico. Victimara-o um padecimento horroroso—um cancro no rosto, que o fizera soffrer por muito tempo, que o obrigarã a sorver até ás fezes o calix de todas as amarguras.

Tenha Nosso Senhor a sua alma na eterna bemaventurança, conceda o mesmo Senhor a resignação necessaria à

sobrinha do finado a ex.^{ma} sr.^a D. Judith de Jesus Vieira de Mello; são os ardentes votos que fazemos ao Ceo.

E a nossos leitores e com especialidade aos sacerdotes, imploramos uma breve oração como tributo de respeitosa homenagem ao virtuoso sacerdote.

Está enlutado mais uma vez o nosso amigo rev. Padre Antonio Augusto Monteiro, pelo fallecimento de sua mãe, occorrido na passada semana. Quizeramos linitivar a dor que ora dilacera o coração do nosso amigo, e como outro meio não temos, ajoelhamos com elle aos pés da Cruz, e, em communhão com todos os nossos leitores, enviamos ao throno do Altissimo fervidas preces. patenteadolhe aqui o quanto sentimos mais este golpe com que Deus quiz provar o seu coração de filho.

Está tambem de luto e envolta tambem nos crespes da orphandade, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria do Rozario Ferreira, assignante e amiga do «Progresso Catholico» em Pinhel.

Damos á nossa constante leitora os mais sentidos pesames e fazemos votos porque a alma de sua boa mãe esteja gozando as celestiaes felicidades, para o que solicitamos de todos os nossos amigos uma prece ainda que breve.

De joelhos, pois, e oremos por todos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

As pequenas filhas de Maria, agremiação que n'um dos passados numeros dissemos haver-se installado em S. Francisco d'esta cidade, teve no dia 21 do mez passado a sua primeira reunião e conferencia mensal, por ser o dia da sua segunda protectora a virgem e martyr Santa Ignez. Foi conferente o nosso bom amigo Padre Abilio Augusto de Passos, que se houve, como sempre, digna e brilhantemente, lembrando ao formoso grupo das Filhas da Virgem os seus deveres como filhas, como escolares, e apontando-lhe para as virtudes de Ignez, que todas devem procurar imitar.

Antes da conferencia, e quando o templo era repleto de fieis rompeu no côro o hymno das Filhas de Maria, expressamente feito para as suas festividades e estreado n'este dia. A letra é devida á penna inspiradissima do nosso mimoso poeta e collaborador o Rev.^{mo} Prior de Cintra, Mattos Ferreira, e a musica fructo de uma intelligencia robustissima, collaborador tambem do *Progresso Catholico*, o Rev.^{mo} Sr. Padre Joaquim José Soares, de Padim da Graça. A ambos estes nossos dedicadissi-

mos amigos enviamos, com os mais sinceros agradecimentos, os mais freneticos e acalorados parabens.

N'outro lugar damos a nossos bondosos leitores a letra, para avaliarem o mimo, e o fervor religioso que se exala d'aquellas quadras; da musica só diremos que é lindissima, arrebatadora, merecendo até os elogios de pessoas bem entendidas no assumpto.

As meninas que cantavam mostraram bem que foram ensaiadas admiravelmente.

De manhã todas as Filhas de Maria receberam o Pão dos Anjos, tendo-se previamente confessado.

Estas reuniões e conferencias repetir-se-hão nas terceiras sextas-feiras de cada mez, e portanto a d'este mez, terá lugar no dia 18 do corrente.

O nosso collega francez, o *Amigo do Clero* de 30 de dezembro de 1886, publicou a seguinte consulta e resposta, que trancrevimos por nos parecer importante:

«P. Segundo algumas respostas da Sagrada Congregação dos Ritos, na procição do SS. Sacramento, a confraria do mesmo nome toma o primeiro logar depois do clero secular. A ordem terceira de S. Francisco, ou uma ordem terceira qualquer, pôde sustentar que o primeiro logar lhe pertence, allegando que é uma ordem, e não uma simples confraria?

R. Por esta palavra: Confraria do Santissimo Sacramento entende-se uma confraria composta de leigos. Ora esta confraria tem o passo depois das outras confrarias, isto é marcha atraz d'ellas, e d'este modo é a que fica mais proxima do Santissimo Sacramento. Mas não é preferida ás ordens religiosas. Estas ficam mais proximas do Santissimo Sacramento.

Accrescentamos que se esta confraria não fica tão proxima do Santissimo Sacramento como as ordens religiosas e o clero secular, ao menos alguns dos seus membros tem a honra de lhe fazer cortejo caminhando d'um e outro lado do pallio, levando tochas. São como uma delegação da confraria.»

Com fundo pezar lemos no ultimo n.º recebido do nosso esclarecido collega e companheiro brasileiro, a *Aurora* a seguinte noticia:

«Com o presente numero findamos o nosso 4.º anno de existencia, e segundo a praxe estabelecida nos annos anteriores, entramos nas ferias do Santo Natal; pelo que suspendemos a publicação d'esta folha. Está, porem, resolvido que esta suspensão se prolongue por mais tempo, além do costume, até que recebamos, dos assignantes em atraso, o que elles estão a dever.»

Triste, é espantosamente triste que os jornaes catholicos tanto em Portugal como no Brazil, sejam forçados a enrolar a sua bandeira por faltas de pagamento, e, o que é mais ainda, muitas vezes por descuido dos subscriptores dos mesmos periodicos, que não imaginam as necessidades que soffre uma empreza d'estas.

Sentimos muito a suspensão, ainda que temporaria, do nosso collega, e chamamos para este facto a attenção dos assignantes do *Progresso Catholico* para que, tendo-o em vista e attendendo aos serviços que esta Revista tem prestado, como a *Aurora* os tem prestado no Brazil á causa da Igreja, nos não obriguem um dia a dar um passo igual. Nada custa dar 600 réis annualmente, e por tanto é de esperar que todos os nossos leitores e amigos não demorem a remessa das importancias em divida, porque é com essas importancias que a nossa bandeira se tem sustentado vae em nove annos, tremulando ao embate de todos os ventos.

E não só pagar as suas assignaturas, mas arranjar alguma de novo, que isto de *Progresso Catholico* não é cousa que esteja parada.

Entrou no 15.º da sua publicação o nosso excellente collega *O Commercio do Minho*, de Braga, pelo que o felicitamos.

Então não querem saber uma nova muito nova? Nos Arcos de Val de Vez tambem ha um *valentão*, dos que prégam contra os jesuitas! E' verdade! Chama-se o *Oportunista* e berra como um ignorante sabe berrar, quando vae atraz dos outros a gritar sem saber de que, nem por que.

Tambem diz como os outros:—roupetas, abutres negros, e, para mais pedantesca e escrever acrescenta o seguinte, que prova bem que o *Oportunista* é feito por quem nem ao menos sabe o que seja o Papa. Ora leia-se: «O Papa Leão XIII—esse Papa que quando subiu ao throno pontificio ia laureado da fama de liberal, mas que agora se tornou anti-liberal, se não inimigo da sociedade...»

São assim os inimigos da Igreja: pedantes té causarem nauseas. Estão vingados os catholicos dos Arcos, só em terem tão *illustrados* inimigos.

E todos os catholicos estão vingados, porque quando em Portugal uns gatos-pingados da imprensa, maldizem os jesuitas e com elles todos os padres, nas outras nações fazem-lhe a devida justiça os mais acreditados membros do jornalismo, como fez não ha muitos dias a *Tribuna*, jornal protestante de New-York, d'onde transcrevemos o seguinte,

que mandamos de presente aos *bebés* da imprensa portugueza:

«Affirma-se que chegarão em breve da Europa, alguns frades e mestres clericos chamados *Irmãos*; escusado será dizer, que hão de ser bem recebidos.

«Em 1793 recebemos os sacerdotes francezes, que fugiam da perseguição; agora não seremos menos hospitaleiros. A sua vinda dar-nos-ha muito prazer: as nossas escholas estão bem; porém, as exigencias dos mestres, dos educadores de um e outro sexo, chegam a ser intoleraveis...

«Homens, que só vestem um habito, que não têm outro fim senão educar a mocidade, que não são exigentes em honorarios, contentando-se com duzentos dollares por anno, serão sempre bem vindos; além de que em nossos immensos territorios de Far-West existem ainda muitas tribus selvagens, que melhor seria civilisar, que destruir com os auxiliares nefastos da carolina e da aguardente.

«A experiencia tem demonstrado, que ninguém pode competir com os sacerdotes catholicos no apostolado e civilização de taes tribus.

«Quando em 1847, depois das victorias do general Scott e do general Taylor sobre os mexicanos, o coronel Kearney tomou posse da California com um punhado de homens, porque seria que os indios opposeram tão pouca resistencia?

«Porque, graças ás missões e aos jesuitas, elles acharam-se dispostos a receber os christãos como seus irmãos.»

A vista d'estes testemunhos não se envergonharão os inimigos dos jesuitas? Não terão pejo de se apresentarem em publico depois de um desmentido de tal ordem, que é um *mentes* arremessado á imprensa impia do nosso reino?

O ministro da justiça e dos cultos, do rei Humberto, Mr. Fajani, o mais denodado inimigo dos jesuitas, que tem commettido na Italia toda a casta de arbitrariedades contra os jesuitas, principalmente em Florença, e que ainda ultimamente firmou uma circular contra a Companhia de Jesus; este homem, acaba de metter seus filhos n'um collegio de Roma, dirigido por padres jesuitas!

Que me diz a isto, snr. do *Conimbricense*, e mais endiabrados inimigos dos jesuitas? Olhem o collega italiano como procede!

E ainda ha mais, cousa mais fina, de mais importancia.

Mr. Copprino, ministro da instrucção publica tambem de Italia, que teve tambem a *mã ideia* de confiar os filhos aos jesuitas, e quando o padre jesuita, director do collegio lhe perguntou como

é que elle mostrava tanto odio aos jesuitas e lhe confiava os filhos, elle, o *italianissimo* respondeu: «Que quer que en faça, Padre? Uma cousa é a minha qualidade de ministro, que me impõe certos deveres publicos, a que tenho de satisfazer, e outra cousa é a minha qualidade de pae, que me impõe o dever de velar pela educação de meus filhos. E eu confiando-os aos vossos cuidados é porque vos tenho por homens capazes e virtuosos.»

Isto fazem os ministros do rei de Italia, os que opprimem o Papa, mas que querem os filhos bem educados, e por isso os entregam aos jesuitas.

Apanhem lá estas duas pedras, snrs. da cansoada e apontem isto como mais duas *patifarias da seita negra*.

Por esta não esperavam elles, os das *luzes*!

Então onde se perdem esses milhares de folhas que o jornalismo de dez réis e todo o mais jornalismo impio espalha diariamente, que não chegou uma folha, ao menos, ás mãos d'essa senhora que vae para um convento como irmã? Onde a caridade d'esses amigos das *luzes*, que não desengana uma alma, presa do fanatismo jesuitico?

Não sabemos onde tudo isto pára, o que sabemos é que um periodico do Porto dá a seguinte noticia:

«Uma senhora, ainda nova, moradora no antigo bairro oriental, que muito bem conhecemos, pois que é visita de nossa casa, vae entrar brevemente para um convento como *Irmã*.

Esta senhora, que tem sido professora eximia de portuguez, francez e inglez, piano e outras prendas necessarias a quem exerce tal mister, não ha muito cahiu gravemente doente; e sendo tratada por espaço de 20 dias por duas *Irmãs Hospitaleiras*, de tal fórma se resolveu a tomar o habito, que ninguém ha que tente dissuadil-a de tão santo proposito; e tudo isto diz ella, porque conhece que só ali é que terá paz, alegria e felicidade; bemlizando a hora em que Nosso Senhor permittiu cahisse doente, para ter a consolação de avaliar de quanto é capaz a virtude e a santidade que exornam as *Irmãs* bemfeitoras dos infelizes e dos desgraçados!!»

Dezreisistas, tanto faz o vosso berrar como nada.

Com o fim de continuar as tradições dos frades de todos os tempos, isto é, conservar a ignorancia e a mandreice dos conventos o Capitulo dos Abades benedictinos da Congregação do Cassino, reunido ha pouco em Roma, secundando um desejo expresso do Santo Padre,

tracta de fundar em Roma um collegio ou uma Universidade internacional de altos estudos ecclesiasticos para jovens benedictinos. O instituto servirá como de vinculo de união entre as varias Congregações benedictinas do mundo, que são, como é sabido, autonomas e independentes.

Ainda não se conhece o modo, a regra, o tempo e o logar para esta nova instituição. O Santo Padre é que decidirá, e as suas decisões serão conhecidas com um documento pontificio adiante, com uma Encyclica talvez.

Bem dizem as luminarias da *liberdade* e da *igualdade*, os frades não cuidaram em todos os tempos se não de promover a ignorancia e o retrocesso das sciencias e das artes, creando universidades, collegios etc. etc.

Bem fazem elles, os das luminarias, que alagam o que os frades fazem. *Progresso!*

E os catholicos todos, ainda que não sejam frades, só tratam do *embrutecimento* das turbas por meio da instrucção.

Prova é do que deixamos dito o terse resolvido no Concilio de Baltimore fundar um instituto catholico em Nova York. O edificio, ou antes o levantamento do edificio já foi arrematado pelo banqueiro Kelly por 166 contos de réis!

Note-se, que para maior *vergonha* d'este seculo, aquelle instituto de ensino superior vae ser cconfiado aos irmãos das escholãs christãs.

Já é ser fanatico pelo jesuitismo, não acha snr. Joaquim Martins de Carvalho?

A cerca do perdão concedido aos revoltosos de Hespanha, que quizeram attribuir ao coração bondoso da gentil e formosa rainha, diz o nosso amigo e collega do *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, o seguinte:

«Tenho diante de mim uma *prancha* da loja *Comuneros*, dirigida ao dito sr. (o ministro Sagasta) em que se lê:— «Esta Loja... concordou por unanimidade de seus *obreiros* em declarar que haveis sabido cumprir dignamente, como bom mação, os deveres que nos impõem nossos juramentos ao entrar na Ordem, obtendo o perdão para D. Manoel Villacampa gr.º 33, e para os militares... Attendendo a isso, vos nomeamos, a vós e ao querido Ir.º Moret» (outro ministro) «membros honorarios do... e vos tributamos uma triplice bat.º.»

Vejam lá quem foi a rainha que perdoou! Que a maçonaria tambem é rainha, infelizmente, e, ao que parece, é a verdadeira rainha de Hespanha.

Ha cousas!...

J. de Freitas.